

TRADUÇÃO: G. E. LESSING

SOBRE A DEMONSTRAÇÃO DO ESPÍRITO E DA FORÇA¹

TRADUÇÃO DO ALEMÃO: ÁLVARO L. M. VALLS.

REVISÃO: JONAS ROOS.

... pelos extraordinários milagres cuja realidade pode-se demonstrar de muitas maneiras, e, muito especialmente, pelo rasto que deixaram nos que vivem segundo a vontade do Logos.
(Orígenes, *Contra Celso*. – Em grego, no original.)

AO SENHOR DIRETOR SCHUMANN², DE HANNOVER

BRUNSWICK, 1777.

Meu Senhor!

A quem mais do que a mim poderia interessar ler, sem demora, seu escrito recente? – Ando tão faminto de convicção que, tal como Erisicton³, engulo tudo o que surge com alguma aparência de alimento. – Se o senhor fizer o mesmo com este meu caderno, aí então seremos fiéis companheiros um do outro.⁴ Com a alta consideração que os investigadores da verdade não podem jamais deixar de portar reciprocamente, sou

¹ Tradução de *Ueber den Beweis des Geistes und der Kraft*, páginas 3 a 9 do 5º volume (*Zehnter Band*) das **Lessings Werke** (*Mit Einleitungen und Lessings Lebensbeschreibung*). Stuttgart: G. J. Göschen'sche Verlagshandlung, 1874 (a edição reúne 11 tomos em 5 volumes: I-III; IV-V; VI-VII; VIII-IX; X-XI). A tradução castelhana confrontada foi a dos **Escritos Filosóficos y Teológicos** (*Introducción, traducción y notas de Agustín Andreu*). Barcelona: Anthropos; Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1990, p. 480-86. A confrontação com a tradução em inglês é de Jonas Roos, a partir de **Philosophical and Theological Writings** (Edited and translated by H. B. Nisbet). Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 83-88.

² Johann Daniel Schumann, Diretor do Liceu de Hanover, foi o primeiro a ler e contestar os *Papéis de um Anônimo*... que Lessing publicara.

³ Personagem das *Metamorfoses* de Ovídio, castigado pela deusa Ceres com uma fome implacável.

⁴ *so sind wir einer des andern Mann*



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Seu etc. — — —

Uma coisa são profecias cumpridas que eu mesmo vivencio; outra, diferente, são profecias cumpridas, sobre as quais eu só sei historicamente que outros alegam ter vivenciado.

Uma coisa são milagres que eu vejo com os meus olhos e tenho oportunidade de provar pessoalmente; outra, diferente, são milagres sobre os quais só sei historicamente que outros alegam tê-los visto e provado.

Será isto, contudo, incontestável? Contra isso, será que não há nada a objetar?

Se eu tivesse vivido nos tempos de Cristo, então as profecias cumpridas em sua pessoa com certeza me teriam feito muito atento a ele. Se eu então porventura o tivesse visto a fazer milagres; não tivesse tido nenhum motivo para duvidar de terem sido verdadeiros milagres, aí então eu teria com certeza adquirido tanta confiança num tal homem milagroso, há tanto tempo notável, que eu teria submetido de boa vontade a minha inteligência à dele; eu teria acreditado nele em todas as coisas que não lhe tivessem sido contraditadas por experiências igualmente inquestionadas.

Ou se eu ainda agora experimentasse que profecias referentes a Cristo ou à religião cristã, de cuja prioridade há muito tempo eu estivesse seguro chegassem ao seu cumprimento de modo mais indiscutível; se ainda agora fossem realizados por fiéis cristãos milagres que eu tivesse de reconhecer que eram milagres autênticos, o que poderia impedir-me de me submeter a esta ‘demonstração do espírito e da força’, como o Apóstolo a denomina? ⁵

Nesse último caso ainda se encontrava Orígenes, que tinha muito direito de dizer que a religião cristã teria nesta demonstração do espírito e da força uma demonstração própria mais divina do que toda a dialética grega poderia proporcionar. Pois no tempo dele ainda “não se havia debilitado a força para realizar coisas milagrosas, daqueles” que viviam segundo o preceito de Cristo; e se ele tinha disso exemplos sobre os quais não pairavam dúvidas, tinha ele então de necessariamente reconhecer aquela demonstração do espírito e da força, caso não quisesse renegar seus próprios sentidos.

⁵ 1 Coríntios 2.4 [Bíblia de Jerusalém: ‘demonstração de Espírito e de poder’; Almeida: ‘demonstração de espírito e poder’.]

Eu, porém, que também não estou nem mesmo no caso de Orígenes, eu que vivo no século XVIII, no qual não se dão mais milagres, se eu fico hesitando em crer, ainda agora, em algo baseado na demonstração do espírito e da força, algo que eu posso crer à base de provas mais adequadas ao meu tempo, qual será o motivo?

O motivo está em que essa prova do espírito e da força não tem mais agora nem espírito nem força, porém rebaixou-se ao nível de testemunhos humanos a respeito do espírito e da força.

O motivo é porque notícias a respeito de profecias cumpridas não são profecias cumpridas, porque notícias sobre milagres não são milagres. Essas, as profecias cumpridas diante de meus olhos, esses milagres, acontecidos diante de meus olhos, atuam de forma imediata. Aquelas, porém, as notícias sobre profecias cumpridas e milagres realizados, devem atuar graças a um *medium*, que lhes debilita toda força.

Citar Orígenes e deixá-lo dizer “que a demonstração da força assim se chamaria por causa dos surpreendentes milagres que acontecem para a confirmação da doutrina de Cristo” não é o bastante, caso se silencie aos seus leitores a respeito do que em Orígenes se segue imediatamente. Pois esses leitores também irão tomar o seu Orígenes e encontrar com estranheza que ele comprova a verdade daqueles milagres acontecidos na fundação do Cristianismo *ex pollon men allon [de muitas outras maneiras]*, e, portanto, decerto também a partir da narrativa do Evangelho, contudo, principalmente e nomeadamente a partir dos milagres que naquela época ainda aconteciam.

Se então esta demonstração da demonstração agora cessou totalmente, se agora toda certeza histórica está demasiado fraca para substituir essa evidente demonstração da demonstração desaparecida, como então se há de exigir de mim que eu deva crer de maneira igualmente forte, baseado num motivo infinitamente menor, nas mesmas verdades incompreensíveis que aquela gente, há mil e seiscentos ou mil e oitocentos anos, acreditava com base no mais forte dos motivos?

Ou o que leio em historiadores fidedignos será, sem exceção, *igualmente* tão certo para mim quanto aquilo que eu mesmo experiencio?

Eu não sabia que alguma vez alguém o tivesse afirmado, contudo afirma-se apenas que as notícias que nós temos daquelas profecias e daqueles milagres são tão igualmente confiáveis quanto sempre o podem ser verdades somente históricas. – E se acrescenta, é

claro, que verdades históricas não poderiam vir a ser demonstradas⁶, mas, não obstante isso, a gente teria de acreditar nelas tão firmemente quanto nas verdades demonstradas.

A isso agora eu respondo. *Em primeiro lugar*, quem negaria, – não eu – que as notícias daqueles milagres e profecias sejam tão confiáveis quanto as verdades somente históricas sempre o podem ser? Mas então, se essas são *somente* tão confiáveis, por que, na prática, a gente as faz ao mesmo tempo infinitamente mais confiáveis?

E graças a quê? – Graças ao fato de que sobre elas se constroem coisas bem diferentes e maiores do que se está legitimado a construir em cima de verdades historicamente comprovadas.

Se nenhuma verdade histórica pode ser demonstrada, então também nada pode ser demonstrado *por meio de* verdades históricas.

Ou seja, *verdades históricas contingentes jamais podem vir a ser a demonstração de necessárias verdades de razão*.

Eu, portanto, não nego, de modo algum, que em Cristo profecias foram cumpridas; eu não nego, de jeito nenhum, que Cristo fez milagres, porém eu nego que esses milagres, desde que a verdade deles cessou completamente de ser comprovada por meio de milagres ainda atualmente correntes; desde que eles nada mais são do que notícias de milagres (sejam essas notícias tão incontestadas, tão incontestáveis quanto o quiserem), sejam capazes de e tenham legitimidade, por menor que seja, para obrigar-me à fé em outras quaisquer doutrinas de Cristo. Essas outras mais doutrinas, eu acato, a partir de outras razões⁷.

Pois, *em segundo lugar*: o que significa ter por verdadeira uma proposição histórica? crer numa proposição histórica? Será que significa, por mínimo que seja, algo diferente de considerar válida esta proposição, esta verdade? nada ter a objetar contra ela? admitir que um outro construa uma proposição histórica em cima dela, que tire como consequência dela uma outra verdade histórica? reservar a si próprio o direito de, a partir dessa, avaliar outras coisas históricas? Será que significa, no mínimo que seja, algo de diferente? Algo a mais? Que a gente se examine com exatidão!

⁶ *demonstrirt*

⁷ ou: por outros motivos, *aus anderweitigen Gründen*

Todos nós acreditamos que viveu um certo Alexandre, que em curto tempo conquistou quase toda a Ásia. Quem, porém, pretenderia, baseado nessa crença, arriscar qualquer coisa que fosse de grande e duradoura importância, cuja perda fosse irreparável? Quem pretenderia, seguindo essa crença, renegar eternamente todo conhecimento que conflitasse com essa crença? Eu, na verdade, não. Eu não tenho agora nada a objetar contra o Alexandre e suas vitórias; mas seria, contudo, possível que elas justamente se baseassem tanto numa mera poesia de *Choerillus*⁸, o qual acompanhava Alexandre por toda parte, quanto o cerco de dez anos de Tróia em nada mais se baseia do que nos poemas de Homero.

Se eu, por conseguinte, nada tenho a objetar historicamente contra a que Cristo tenha ressuscitado um morto, tenho eu então, por causa disso, de ter por verdadeiro que Deus tenha um filho que seria da mesma natureza dele? Que vinculação há entre a minha incapacidade de levantar objeções significativas contra os testemunhos de alguém, e minha obrigação de crer em algo contra o que a minha razão resiste?

Se não tenho nenhuma objeção, historicamente, a que este Cristo tenha ressuscitado da morte; será que por isso eu tenho de ter por verdadeiro que justamente este Cristo ressuscitado teria sido o filho de Deus?

Que o Cristo, contra cuja ressurreição eu nada posso objetar de historicamente significativo, possa por causa disso se dar por Filho de Deus, [e] que por causa disso os seus discípulos o consideraram tal, nisso eu creio com muito gosto⁹. Pois essas verdades, enquanto verdades de uma mesma classe, seguem bem naturalmente uma da outra.

Mas agora, saltar com aquela verdade histórica para uma classe ulterior de verdades totalmente diferente, e exigir de mim que eu deva reformular, de acordo com aquela, todos os meus conceitos metafísicos e morais; exigir de mim [só] porque eu não tenho nenhum testemunho fidedigno a contrapor à ressurreição de Cristo, que eu modifique de acordo com isso todas as minhas ideias fundamentais sobre a natureza da divindade; se isso não é uma *metabasis eis allo genos* [gr.: *passagem para uma outra*

⁸ Poeta grego que acompanhava Alexandre nas campanhas.

⁹ *herzlich gern*

esfera conceitual], então eu não sei mais que outra coisa Aristóteles compreendeu com esta designação.

Diz-se, por certo: mas justamente o Cristo, de quem tu tens de considerar válido em termos históricos que ele ressuscita mortos, [e] que ele mesmo ressuscitou dos mortos, disse, ele mesmo, que Deus teria um filho da mesma natureza, e que ele seria este filho. Isso seria ótimo! Se acaso o fato de Cristo ter dito isso não fosse apenas também nada mais do que algo historicamente certo.

Se alguém quisesse continuar a perseguir-me e dissesse: “Pois não! Isto é mais do que historicamente certo, pois historiadores inspirados, que não podem se enganar, o asseguram.”

Então também isso é, infelizmente, apenas historicamente certo: que tais historiadores estariam inspirados, e não poderiam errar.

Esse, esse é o horrível e largo fosso¹⁰ que eu não consigo transpor, por mais frequentemente e seriamente que eu tenha tentado o salto¹¹. Caso alguém seja capaz de me ajudar a transpô-lo, que o faça, eu lhe suplico, eu o conjuro. Ele merecerá, por minha causa, uma recompensa divina.

E assim eu repito o que acabei de dizer acima, e com as mesmas palavras. Eu não nego, de modo algum, que em Cristo profecias foram cumpridas; eu não nego, de jeito nenhum, que Cristo tenha feito milagres. Eu nego, porém, que esses milagres, desde que a verdade deles cessou completamente de ser comprovada por meio de milagres correntes atualmente; desde que eles nada mais são do que notícias (mesmo que essas notícias sejam tão incontrovertidas e incontestáveis quanto o quiserem), que eles possam ou devam obrigar-me a qualquer fé, por mínima que seja, em outras quaisquer doutrinas de Cristo. O que é que me obriga então a isso? – Nada, a não ser essas mesmas doutrinas, que há dezoito centenas de anos eram aliás tão novas, tão estranhas a todo o âmbito das verdades então conhecidas, tão inassimiláveis, que se exigiam nada menos do que milagres e profecias cumpridas para que só então a multidão prestasse atenção a elas.

Mas tornar a multidão atenta para alguma coisa significa ajudar o bom senso humano a encontrar o rasto certo.

¹⁰ *der garstige breite Graben*

¹¹ *Sprung*

Aí ele chegou, aí ele está, e o que ele faz aparecer à direita e à esquerda, seguindo este rasto, são os frutos daqueles milagres e daquelas profecias cumpridas.

Tais frutos eu vejo amadurecerem diante de mim e amadurecidos, e não me deveria ser permitido saciar-me deles? Quiçá porque eu – não nego, por exemplo, nem ponho em dúvida, mas apenas deixaria simplesmente no seu devido lugar, isso sim, – a antiga saga piedosa de que a mão que espalha a devida semente teria de se lavar sete vezes no sangue dos caracóis a cada arremesso? Que me importa se é falsa ou verdadeira esta saga! os frutos são excelentes!

Suposto que houvesse uma grande e proveitosa verdade matemática, à qual o descobridor tivesse chegado graças a uma conclusão enganosa; – (se algo assim não existe, sempre poderia haver algo semelhante) – negaria eu essa verdade, renunciaria a me servir dessa verdade, seria eu um ingrato difamador do descobridor, só porque eu não quereria demonstrar a partir de sua argúcia, alhures comprovada, não consideraria de jeito nenhum demonstrável só porque a conclusão falsa, graças à qual ele topou com a verdade, não *poderia* ser uma conclusão falsa?

Eu encerro, expressando um desejo: todos aqueles, portanto, a quem o Evangelho de João separa¹², consiga o Testamento de João¹³ reunir novamente! É decerto apócrifo, este Testamento, mas nem por isso menos divino.



Álvaro Luiz Montenegro Valls é Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade de Heidelberg, Alemanha, lecionou por três décadas na UFRGS e por duas na UNISINOS. Publicou: *O que é Ética?*; *Entre Sócrates e Cristo*; *Da Ética à Bioética*; *Kierkegaard, cá entre nós*; *O Crucificado encontra Dionísio*; e *Kierkegaard, Préludes Brésiliens*, entre outros. Traduziu livros de Adorno, Habermas, Carl Schmitt, e algumas das principais obras de Kierkegaard, tais como *Migalhas Filosóficas*, *O Conceito de Angústia*, *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas*, *As Obras do Amor*, *O Instante*, entre outros. Sua última pesquisa para o CNPq trata da recepção de Kierkegaard na Alemanha de entreguerras. Presidiu, por dois anos, a ANPOF. Casado desde 1971 com Cleufe Maria, três filhos, cinco netos.

Email: alvaro.valls@gmail.com

¹² Referência à questão da divindade de Cristo (João 1.1-14).

¹³ Trata-se de uma narrativa sobre o ancião João, que não cansava de repetir aos discípulos: “*Filhinhos, amai-vos uns aos outros!*” Lessing redige a seguir um breve e belíssimo diálogo sobre este texto.

|